



**A UTILIZAÇÃO DO GRAFITE DE MUSGO NA VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM
URBANA**

Gabriel J. B. de SOUZA¹; Jamil M. PEREIRA²;

RESUMO

O grafite é utilizado como expressão cultural, principalmente no meio urbano, retratando condições sociopolíticas ou amenizando a monotonia da paisagem local. Nesse sentido, caracteriza-se como um espaço de comunicação veiculando críticas ou melhorando, simplesmente sensibilidade e atitude das pessoas. O grafite de musgo é uma alternativa a esta modalidade de arte visual, além de desenvolver uma importante função ecológica e introduzir uma conotação mais natural nessa prática e no ambiente urbano. A produção do grafite de musgo requer o desenvolvimento de um composto que, posteriormente é aplicado em superfícies, permitindo o crescimento do musgo nos locais demarcados pelo desenho. O resultado do trabalho mostrou as dificuldades para a produção das obras relacionadas, principalmente em relação a adaptabilidade das espécies de musgo, trituração da mistura e a alta demanda de água.

Palavras-chave: Arte; Ecologia urbana; Eco grafite.

1. INTRODUÇÃO

O grafite é uma manifestação ocorrente no meio urbano onde suas obras manifestam as condições sociopolíticas de uma determinada região (FURTADO, 2009). Lopes (2011) afirma que os grafiteiros buscam realizar mudanças na ordem moral da sociedade, mas muitas vezes não são reconhecidos e acabam sendo confundidos com pichadores e vândalos. Há diferença entre grafiteiros e pichadores, bem exemplificados por Lazzarin (2007), onde afirma que pichadores e vândalos são pessoas sem pretensão artística, cujo intuito é confrontar as autoridades, já o grafiteiro deseja reconhecimento pela sociedade como um artista.

Há diversas técnicas que podem ser utilizadas para desenvolver o grafite, mas uma delas teve muita repercussão, após o trabalho da artista plástica Anna Garforth, o que conhecemos como “eco-grafite” (CICLO VIVO, 2017). Essa técnica consiste na produção de uma mistura à base de musgo e seu substrato, permitindo a fixação e crescimento do musgo. Porém, seu cuidado é trabalhoso, uma vez que o musgo precisa ser constantemente irrigado (ALVES, 2012).

O musgo é pioneiro na colonização de áreas em processo de recuperação e, ecologicamente, é um excelente indicador de qualidade ambiental, utilizado como indicador de poluição, além de abrigo para outros microrganismos (SCOTTI, 2013; 2016). O grafite de musgo é uma forma de

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG – E-mail: gabrieljordao@yahoo.com

2 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG – E-mail: jAMILPEREIRA@gmail.com



realçar a cultura, o lazer, além de estimular e desenvolvendo a criatividade do cidadão. Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo realizar a implantação de obras de grafite de musgo na cidade de Inconfidentes – MG

2. MATERIAL E MÉTODOS

No início do ano de 2017, o projeto foi iniciado, testando uma receita a base de musgo limpo (3 palmas*), água morna (700 ml*), Gel hidrorretentor ou hidrogel (2 colheres de sopa*) e soro de leite coalhado (1 xícara de chá*). Os materiais foram batidos em liquidificador até formar uma tinta aplicável.

A primeira experiência foi realizada com a aplicação, em março de 2017, em residência particular, na cidade de Inconfidentes – MG. Nesse primeiro teste, objetivou-se verificar o comportamento e desenvolvimento do musgo nas condições locais do município, permitindo adaptações para outras aplicações. Os resultados não foram promissores, visto que o musgo praticamente não se desenvolveu, mesmo depois de repetidas aplicações, durante a execução do projeto. Diante disso, outras receitas foram testadas para desenvolvimento de uma metodologia adequada.

A nova receita a ser testada foi obtida por indicação de “Celso Issao” em seu projeto “Ideia Sustentável”, desenvolvido no município de Votorantim – SP (ALVES, 2012). Neste projeto é utilizado musgo limpo (5 palmas*), cerveja (1 lata*), açúcar (1 colher de sopa) e soro de leite coalhado (1/2 copo). O material é misturado e triturado em liquidificador, produzindo a tinta.

Três outras receitas foram testadas, mas na sua obtenção não foi utilizado o liquidificador, sendo o musgo apenas picado manualmente (5 palmas*), misturado ao substrato e aplicada a superfície. Assim, espera-se que além do desenvolvimento dos esporos também haja a regeneração do musgo sobre a superfície.

O primeiro substrato testado utilizou uma colher (sopa) de gel hidrorretentor e açúcar, além da adição, em quantidades iguais, de leite coalhado e cerveja permitindo que o musgo ficasse saturado, ou seja, favorecer o máximo de absorção, diminuindo o desperdício. No segundo substrato, a composição foi idêntica a utilizada no primeiro, exceto a adição de gel hidrorretentor, que anteriormente havia reduzido a aderência da mistura à superfície da parede. Para o último substrato, utilizou-se apenas uma mistura de musgo com quantidades iguais de cerveja e leite coalhado.



9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

6º Simpósio da Pós-Graduação

ISSN 2319-0124

Todas as receitas foram testadas aplicando-as sobre a superfície de um muro (face voltada para o norte) e numa tábua de madeira chapiscada, mantida em local sombreado. Além disso, os testes foram realizados com a utilização de duas espécies diferentes de musgos, ambas extraídas de superfícies a base de cimento, em detrimento de outras que crescem melhor sobre solo ou madeira. A proporção dos ingredientes utilizados em cada receita está indicada entre parênteses com asterisco (*).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Das receitas testadas no projeto, o melhor desenvolvimento foi obtido quando o musgo é picado e misturado com açúcar, cerveja e leite coalhado, seguido da receita em que o musgo é picado, porém só se adiciona o leite coalhado e a cerveja.

A adição do gel hidrotentor, na receita em que o musgo é apenas picado, acabou impedindo a aderência do material sobre a superfície, tornando tal método inviável. Ressalta-se que em todos os métodos, nos quais não houve trituração (liquidificador), onde o produto é apenas uma massa, ao invés de um líquido, a aderência sobre o muro é bastante prejudicada.

Em nenhum dos métodos com o uso de trituração (liquidificador) ou tábua chapiscada apresentaram crescimento, mesmo após alguns meses. Esse resultado não corrobora outros trabalhos, como o desenvolvido em Votorantim – SP.

Após a aplicação das misturas (receitas), as mesmas foram irrigadas todos os dias e, em alguns dias, houve necessidade de duas vezes por dia. Isso poderia demandar muita mão de obra, caso os trabalhos fossem realizados em diferentes locais da cidade, o que é um caso a se considerar.

4. CONCLUSÕES

- A realização do grafite de musgo só foi possível após o teste de várias receitas.
- Constatou-se que o desenvolvimento do grafite de musgo depende da espécie de musgo utilizada e do método de preparo, favorecido pela ausência de trituração (liquidificador) da mistura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Pró-Reitoria de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais pelo apoio financeiro para a realização do projeto. Gratula-se também o professor Luís Carlos Negri e a todos que colaboraram com sugestões e críticas.



9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

6º Simpósio da Pós-Graduação

ISSN 2319-0124

REFERÊNCIAS

ALVES, Andrea. **Cruzeiro do Sul**: Grafite musgo: desenhos que literalmente ganham vida. 2012. Revisada por Equipe Online. Disponível em: <<http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/395444/grafite-musgo-desenhos-que-literalmente-ganham-vida>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

CICLO VIVO. Aprenda duas maneiras de fazer grafite de musgo. 2017. Disponível em: <http://ciclovivo.com.br/noticia/aprenda-duas-maneiras-para-fazer-grafite-de-musgo/>. Acesso em: 29 jul. 2017.

FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. **Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 4, p.1279-1302, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27115487010>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

LAZZARIN, Luís Fernando. Grafite e o Ensino da Arte. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p.59-74, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227045005>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

LOPES, Joana Gonçalves Vieira; DOBAL, Susana. **Grafite e Pichação: os dois lados que atuam no meio urbano**. 2011. 37 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/3824>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

MAIA, Sebastião Gabriel Chaves et al. COLETA E IDENTIFICAÇÃO DOS MUSGOS DO PARQUE COLÔNIA MILITAR DOS DOURADOS. **Caderno Magsul de Ciências Biológicas**, Ponta Porã, v. 5, n. 1, p.15-16, abr. 2016. Disponível em: <http://bibmagsul.kinghost.net/revista2016/index.php/Caderno_Biologia/article/view/75>. Acesso em: 21 jul. 2017.

SCOTTI, Alex Guilherme Lopes et al. LEVANTAMENTO DE BRIÓFITAS E PTERIDÓFITAS EM MATA CILIAR NO CENTRO URBANO DE CAÇADOR-SC. **Ignis: Revista de Engenharia e Inovação Tecnológica**, Caçador, v. 2, n. 1, p.6-22, 23 abr. 2013. Disponível em: <<http://periodicosuniarp.com.br/ignis/article/view/76/139>>. Acesso em: 21 jul. 2017.